

Darcy Ribeiro e a UnB

a universidade
necessária no
século XXI

Murilo Silva de Camargo
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Alexandre Simões Pilati
Esther Bemerguy de Albuquerque
(org.)



Universidade de Brasília

Reitora : Márcia Abrahão Moura
Vice-Reitor : Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora : Germana Henriques Pereira

Conselho editorial : Germana Henriques Pereira (Presidente)
: Ana Flávia Magalhães Pinto
: Andrey Rosenthal Schlee
: César Lignelli
: Fernando César Lima Leite
: Gabriela Neves Delgado
: Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
: Liliane de Almeida Maia
: Mônica Celeida Rabelo Nogueira
: Roberto Brandão Cavalcanti
: Sely Maria de Souza Costa



Darcy Ribeiro e a UnB

a universidade
necessária no
século XXI

Murilo Silva de Camargo
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Alexandre Simões Pilati
Esther Bemerguy de Albuquerque
(org.)

Coordenação de produção editorial : Equipe editorial
Marília Carolina de Moraes Florindo

Assistência editorial : Jade Luísa Martins Barbalho
Emilly Dias de Matos

Revisão : Ana Alethéa Osório

Diagramação : Wladimir de Andrade Oliveira

© 2022 Editora Universidade de Brasília

Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A – 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
CEP: 70910-900
Telefone: (61) 3107-3700
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte
desta publicação poderá ser armazenada
ou reproduzida por qualquer meio sem a
autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília
Heloiza dos Santos – Bibliotecária – CRB 1/1913

D214 Darcy Ribeiro e a UnB : a universidade necessária no
século XXI / organizadores, Murilo Silva de Camargo
... [et al.]. – Brasília : Editora Universidade de
Brasília, 2022.
200 p. ; 23 cm.

ISBN 978-65-5846-120-3 (impresso).
ISBN 978-65-5846-114-2 (e-book).

1. Ribeiro, Darcy, 1922-1997. 2. Universidade de
Brasília. 3. Universidades e faculdades públicas. I.
Camargo, Murilo Silva de (org.).

CDU 378.4

 Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Sumário

Apresentação

- 9** | **Darcy Ribeiro e a UnB:** a universidade necessária no século XXI



Parte I

Os textos de autoria dos estudantes de graduação

- 23** | **Utopia e realidade:** reflexões sobre os rumos da Universidade de Brasília
Alexsandro de Sousa Bandeira
- 33** | **Universidade para quê?** A universidade está sintonizada com o melhor do saber universal e com a sociedade brasileira?
Cesar Rodrigues van der Laan
- 43** | **A criatividade para a realização da visão universitária de Darcy Ribeiro**
Cristiano Hoppe Navarro
- 51** | **Universidade de Brasília, universidade-utopia**
Júlia Guimarães Stoimenoff Brito
- 59** | **A UnB de Darcy Ribeiro:** a aproximação entre o saber e as questões de uma realidade social
Nicole Ferro Antunes de Oliveira
- 67** | **Darcy Ribeiro:** sonhos interrompidos
Victor Eduardo Alves Rocha



Parte II

Os textos de autoria dos estudantes de pós-graduação

- 81** | **A universidade sonhada por Darcy Ribeiro:**
o papel da Biblioteca Central da UnB e da
Editora UnB na busca pela utopia necessária
Ana Flávia Lucas de Faria Kama
- 91** | **O papel da universidade e o contexto da
pandemia:** um ensaio à luz dos ensinamentos
de Darcy Ribeiro
Andressa Soares Costa
- 105** | **“A universidade necessária”:**
saber humanizado e responsabilidade social
Clerismar Aparecido Longo
- 123** | **Vozes da resistência:** Darcy Ribeiro e a UnB no
debate contemporâneo
Inês Ulhôa
- 137** | **Indo para a Universidade de Darcy:** educação
e liberdade para pensar a partir do Brasil
Kennia Dias Lino
- 145** | **A universidade pública, gratuita,
de qualidade e inclusiva para todos:**
a luta dos povos indígenas para sua inclusão
nas universidades públicas
Luciana Beatriz de Araújo Colombo



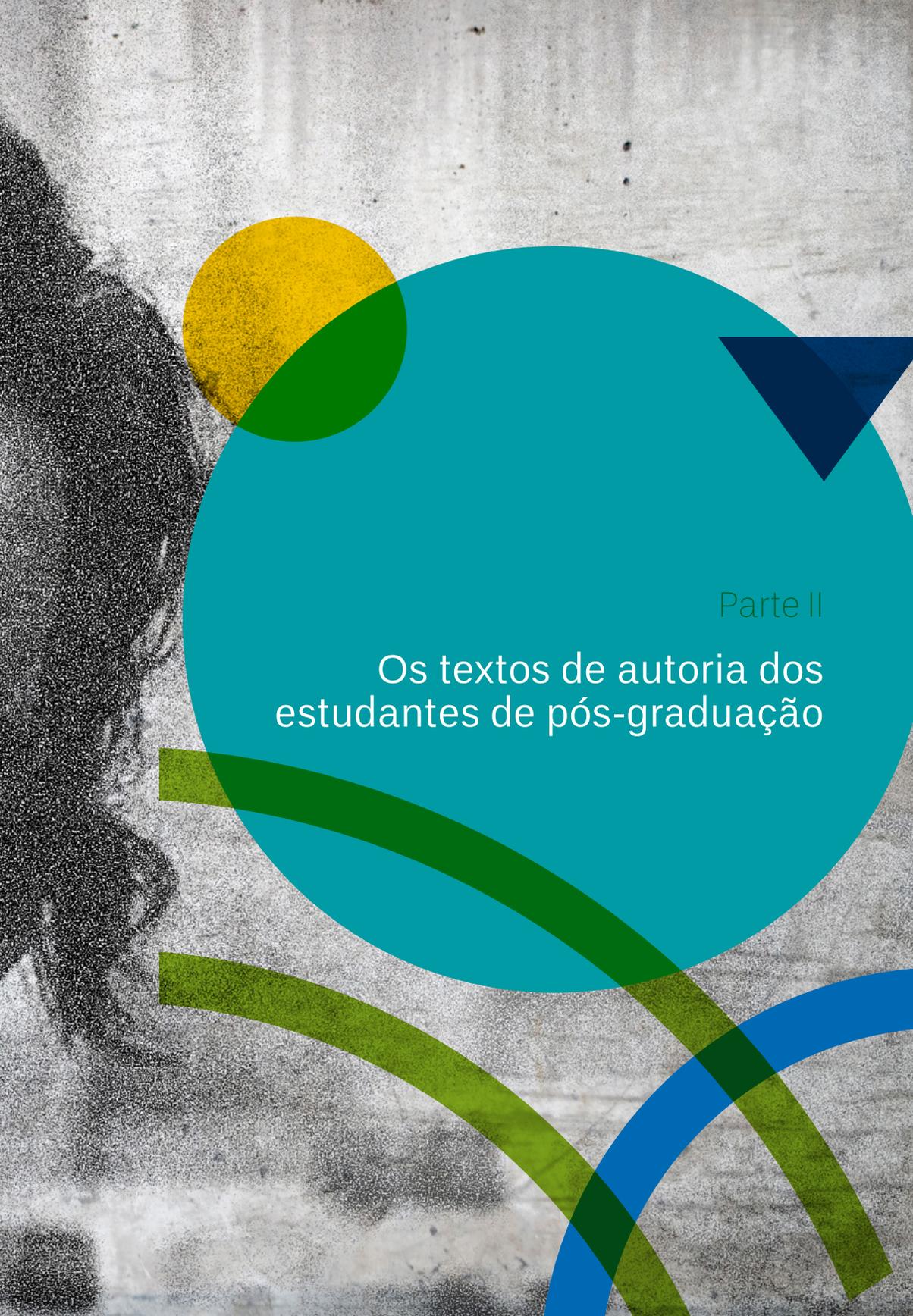
- 159 | Universidade para quê e para quem?**
Darcy Ribeiro, Lyra Filho e a UnB no processo de pluralização do ensino superior no Brasil
Marcos Júlio Vieira dos Santos
- 169 | Universidade para mudar gente que muda o mundo: uma autoetnografia para ler a política educacional no Brasil**
Rayane Andrade
- 187 | Darcy Ribeiro e a crítica que não envelhece**
Thaís Coelho Mariano



Darcy Ribeiro e
Oscar Niemeyer
visitam a UnB (1985)

Fonte: Universidade de Brasília.
Arquivo Central. AtoM UnB





Parte II

Os textos de autoria dos estudantes de pós-graduação



Alunos ocupam a Faculdade de Ceilândia em manifestação

Foto: Emília Silberstein



Vozes da resistência: Darcy Ribeiro e a UnB no debate contemporâneo

Inês Ulhôa

Universidade pública e democracia

É conhecida a defesa da Educação como direito de todos na obra de Darcy Ribeiro sobre a universidade pública brasileira, com a concepção de uma educação de qualidade que nos promovesse, como sociedade e como cidadãos, a um estágio superior de desenvolvimento. Entre os seus escritos, se destaca a abordagem de que a universidade deva ser necessária e emancipatória, bem como a sua interpretação do papel do intelectual público em seu comprometimento com a formação de uma consciência crítica para o arrojo da construção de uma sociedade democrática, com vistas à superação do atraso.

Para essa discussão, tomaremos como ponto de partida *A universidade necessária*, um dos textos fundadores dessa premissa, no qual tal fundamento é abordado de modo recorrente e de forma tão taxativa que dificilmente Darcy Ribeiro (1969) encontraria opositores à sua tese – isso, claro, entre democratas e defensores dos ideais de uma educação libertadora. Nessa obra, escrita durante o seu exílio no Uruguai, Darcy defende um projeto de desenvolvimento autônomo para



a América Latina e para o qual é essencial uma reforma universitária que tenha por escopo produzir a universidade necessária. Darcy fala para uma América Latina mergulhada em ditaduras sangrentas e exorta as nações irmãs a conquistarem o conhecimento científico moderno, por intermédio de uma universidade pública que tenha por meta o esforço pela identificação latino-americana e “por um desenvolvimento econômico que preserve e enriqueça o caráter da nossa contribuição à civilização humana”.¹ Durante o exílio, e alguns anos depois, ele prosseguiu com seu envolvimento para a transformação da universidade em vários países da região.

Repleto de críticas ao modelo de universidade reflexo e de desafios ao debate sobre o papel da universidade necessária, esse texto permanece, mais de 50 anos depois, surpreendentemente atual. Naquele período, Darcy procurou redefinir as exigências da modernidade para a educação e evocou o quão importante é a formação de estudantes como novas vanguardas de luta contra o sistema e que pudessem exprimir, pelo pensamento e pela ação, solidariedade para com os jovens que não podiam ter o mesmo acesso ao ensino superior. Não escapava a ele a ideia de tornar a educação disponível para além dos círculos da elite, acompanhando o pensamento de Anísio Teixeira de colocar na mesma escola pública pobres e ricos. Foi assim que dedicou a essa ideia uma agenda pública intensa de intervenção na política educacional.

Todavia, em sua discussão sobre que papel uma universidade pode cumprir melhor, Darcy se dissocia das formas aparentes e dos interesses particularistas que se disfarçam na ideologia da universidade tradicional – aquelas que atuam como meras guardiãs do saber tradicional e que só sobrevivem em sociedades estáticas –; este é, aliás, um dos pontos fortes de seu argumento para propor outro papel para a Universidade, ou seja, o de agente de transformação, cuja importância é fundamental no processo histórico-evolutivo de uma sociedade.

Sua proposição é a de uma universidade de utopia no mundo das ideias, antes de ela existir como um fato no mundo das coisas; o modelo é “utópico no sentido de que antecipará conceitualmente as universidades do futuro, configurando-as com uma meta a alcançar-se algum dia” (Ribeiro, 1969, p. 170); uma universidade que supere a modernização reflexa – ligada ao neocolonialismo cultural –, e que, se não o fizer, continuará existindo e exercendo seu papel tradicional, inconsciente de si mesma e da sociedade à qual serve. Para ele, uma universidade que não tem

¹ Citado por Anísio Teixeira na apresentação de *A universidade necessária*. Anísio Teixeira cataloga esse livro como a resposta ao desafio dos tempos presentes e a chave para a grande transformação, que é sair da *universidade-reflexo* para a *universidade necessária*.

um plano de si mesma, carente de sua própria ideia utópica de como quer crescer, torna-se incapaz de viver o seu destino.

O ponto de partida de Darcy Ribeiro para a formulação da universidade necessária constitui-se na distinção que ele faz entre valores professados e valores reais. Em sua interpretação, valores professados guardam apenas frases retóricas de um tipo de universitário que não percebe a distância abismal que o separa da universidade real; indicam, além de um estado de insciência, “o culto a um ideário que, não tendo nada a ver com a práxis, aliena a universidade de si mesma” (Ribeiro, 1969, p. 72). Para ele, uma retórica que serve para ocultar a universidade real, que se revela impura, por seus componentes espúrios; incômoda, por seus conteúdos inconformistas; e perigosa, por causa daqueles descontentes que existem dentro dela e querem transfigurá-la.

Cinco décadas depois da publicação de *A universidade necessária*, os debates contemporâneos sobre a universidade pública brasileira estão pautados não mais na construção da universidade necessária e emancipatória, mas em como mantê-la viva no cenário de adversidades que vivemos no Brasil atual. Sob a perspectiva da Educação como expressão da nacionalidade e de modernidade, e tendo o exercício do conhecimento a serviço da transformação social, em uma sociedade democrática, como advogava Darcy, é imperioso associar as ideias da educação libertadora aos direitos humanos, levando em conta que a educação se constitui em um dos instrumentos mais eficazes à socialização de valores, como a igualdade e a solidariedade.

A ideia e a prática universitária como condição emancipatória

Para entender o caminho proposto por Darcy Ribeiro, em sua configuração de universidade associada a um processo emancipatório, é preciso esclarecer o tipo de vinculação teórica por ele estabelecida sobre o papel estratégico que a educação desempenhou na formulação de sua compreensão de país e “a sua mania de querer salvar o Brasil”.² No Brasil que Darcy almejava, era imprescindível a

² Darcy era, como poucos, um apaixonado pelo Brasil; colocou todo o seu potencial intelectual na defesa de um Brasil melhor. “Tenho um sentido agudo do Brasil como desafio posto a todos, mas principalmente a mim. [...] Vejo-me como o servidor público, o estadista que nasceu para forçar o Brasil a dar certo” (Ribeiro, 2010, p. 34).

presença de uma universidade proporcionadora do desenvolvimento autônomo, que necessitaria refletir as aspirações intelectuais da nação, “uma universidade de verdade, uma universidade em que possamos dominar todo o saber humano e dominá-lo conjuntamente como um todo” (Ribeiro, 1986, p. 5).

Como se sabe, Darcy teve forte vinculação ao movimento da Escola Nova³ por influência direta de Anísio Teixeira, para quem as questões da educação e da cultura são absolutamente indissociáveis. Naquele período, o Brasil vivia a efervescência de muitos modos de interpretação dos dilemas da modernidade brasileira. Mas foi Darcy, como “militante engajado”, inspirado nas lições de Anísio Teixeira, quem melhor deu vida ao papel estratégico que a educação poderia desempenhar em direção ao desenvolvimento da nação. Em carta endereçada a Anísio Teixeira, Darcy reconhece e agradece essa influência:

Se me perguntassem pelo encontro mais importante da minha vida, eu diria que foi o nosso encontro. O senhor não avaliará o quanto eu lhe devo e como sou consciente de que em educação nada mais fiz do que pôr meu dínamo de agitação zumbindo em torno de suas ideias. (Rocha, 2014, p. 30).

Darcy Ribeiro é certamente um dos autores que mais interpretaram as questões nucleares do pensamento progressista no Brasil no último século, e o projeto de estruturação da UnB foi pensado com a marca predominante da sua ousadia. Sob diversos aspectos, soube articular de forma planejada uma universidade que tivesse uma integração sistematizada com o país, com plena atenção aos problemas nacionais que reverberassem como tema de estudos, de assessoramento público e de ensino. Darcy sustenta sua proposta com base em uma universidade-semente, capaz de gerar o desenvolvimento de que o Brasil necessitava, pois a velha universidade estava em crise, assim como o país, vítima do atraso. O Brasil, naquele

³ A Escola Nova ganhou notoriedade no Brasil no início dos anos 1920, que testemunham uma grande agitação artística, intelectual e política iniciada com a Semana da Arte Moderna. Objetivava a escola pública universal, laica e gratuita, que promovesse a igualdade e o direito de todos à educação, da qual Anísio Teixeira viria a se tornar o principal seguidor. O movimento ganha novo impulso na década de 1930, após a divulgação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, que, além de Anísio Teixeira, era assinado, entre outros, por Fernando de Azevedo, Lourenço Filho, Cecília Meireles e Armanda Álvaro Alberto. Suas ideias e práticas é que viriam a influenciar, logo depois, tanto Darcy Ribeiro como Florestan Fernandes.

momento, precisava de uma universidade com o objetivo de pensar o Brasil como problema. “Esta é a tarefa da Universidade de Brasília. Para isso, ela foi concebida e criada. Este é o desafio que hoje, agora e sempre ela enfrentará” (Ribeiro, 1986, p. 5). Vale lembrar que essa sua percepção, avalizada pelo seu compromisso com as questões emergentes de seu tempo, despertou o entusiasmo de boa parte dos intelectuais e de homens públicos, que compreenderam, à época, a importância da democratização do ensino e prestaram seu apoio e colaboração ao projeto da UnB.

Talvez não encontremos muitos opositores à afirmação de que o projeto para a UnB era um compromisso de intervenção política, como tudo que Darcy Ribeiro fazia na vida, movido por paixões e disposto a transformar a realidade. É como ele mesmo se define: “Sou um homem de causas. [...] Elas são muitas, demais: a salvação dos índios, a escolarização das crianças, a reforma agrária, o socialismo em liberdade, a universidade necessária” (Ribeiro, 2010, p. 45). Em toda a sua obra, ele aborda a si mesmo como personagem, associando trajetórias, projetos e políticas para contar a história do Brasil que presenciou e da qual foi protagonista – em particular o papel estratégico que a Educação desempenhou na formulação de suas visões, em sua fé desafiadora de impor uma agenda pública de intervenção na política educacional brasileira, da qual resultou a criação da UnB como a “Casa da Consciência Crítica em que o Brasil se explicaria e encontraria saída para seus descaminhos” (Ribeiro, 1986, p.15).

Antes mesmo da inauguração da nova capital, Darcy já buscava convencer as autoridades de que Brasília deveria ter uma universidade que fosse um centro de qualificação à altura da ousadia arquitetônica que exibia. Sua interlocução surtiu efeito; foi convocado a compor a equipe⁴ para colaborar no projeto de criação da UnB, anunciada pelo Ministro da Educação e Cultura, Clóvis Salgado, em 16 de abril de 1960. Três meses depois, Darcy passou a compor a comissão constituída para estudos complementares sobre a Universidade, juntamente com Cyro dos Anjos e Oscar Niemeyer.

⁴ A equipe era integrada por Pedro Calmon, reitor da Universidade do Brasil, João Christovão Cardoso, presidente do Conselho Nacional de Pesquisas, Anísio Teixeira, diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, Ernesto Luís de Oliveira Júnior, presidente da Comissão Supervisora do Plano dos Institutos, Darcy Ribeiro, coordenador da Divisão de Estudos e Pesquisas Educacionais, e Almir de Castro, diretor de Programas da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

A velha universidade estava em crise. Não tinha padrões estruturais ou modelos operativos a nos oferecer. Éramos, pois, livres e estávamos desafiados a repensar. A repensar a universidade como instituição. Inumeráveis foram os encontros informais, muitíssimas as reuniões formais [...] Que calorosas reuniões tivemos, que polêmicas profundas travamos, que discussões de ideias as mais díspares, que coragem de pensar, que predisposição a não copiar, que temeridade, sobretudo de recusar-se à bobice, de ficar contente com pequenas façanhas [...] Nós nos recusávamos a aceitar a universidade de mentira que se cultivava no país, tão insciente de si como contente consigo mesma (Ribeiro, 1986, p. 4).

A UnB nasceu, assim, com a marca de projeto inovador destinado a pensar na democratização do ensino, uma universidade experimental e disposta à busca de novos caminhos na pesquisa e no ensino. Para se entender o processo e os conflitos que permearam, e que ainda permeiam, a história da UnB, reitero a fala do ex-reitor José Geraldo de Sousa Junior (2012, p. 16) de que “a compreensão do projeto originário da UnB não se faz sem o resgate da memória histórica de sua construção e de seus princípios e também de seus abalos”.

Com efeito, essa é a razão para serem recuperados os paradigmas que compuseram a história da UnB, comportando as implicações e as consequências também na história do Brasil. É sabido que apenas dois anos depois de sua criação sucedeu o golpe militar de 1964, mudando as condições políticas do país, provocando efeitos perversos sobre as universidades e constrangimentos à liberdade de expressão e de participação política. Os interventores militares que na UnB se estabeleceram e a conduziram sob novas diretrizes, demitiram o reitor Anísio Teixeira e o vice Almir de Castro e esvaziaram o corpo docente comprometido com o projeto inicial da Universidade. A interferência direta e contínua em seu funcionamento resulta em prisões e expulsões de professores e de estudantes, além de invasões ao *campus* por tropas militares. Não sem resistência, claro!

Dessa fase sombria, a ação da ditadura deixou tristes recordações. Darcy, inconformado, dizia que a UnB, esperança maior da intelectualidade brasileira, tinha sido avassalada e que tinha se convertido na casa da intolerância e do despotismo. Naquela ocasião, criou-se “uma verdadeira ideologia deturpadora e denegridora a respeito da UnB, apresentada como um foco de subversão dirigido por irresponsáveis” (Salmeron, 2007, p. 25).

Vinte e um anos depois, ocorreu novo direcionamento, com a redemocratização do país. A UnB revive seus dias de liberdade e do livre-pensamento. Abraça outros princípios orientados a uma universidade emancipatória, a partir dos ideais de

promoção da autonomia da instituição e da garantia da inclusão, a liberdade de pensamento, de produção e a transmissão do conhecimento, estabelecendo políticas quanto à responsabilidade coletiva de respeitar e defender os princípios da dignidade humana, da igualdade e equidade (Sousa Junior, 2012, p. 11).

Durante esse período, nova Constituição foi elaborada, com a colaboração decisiva da UnB. A Constituição de 1988 constitui-se em um marco no que diz respeito à educação como direito de todos e um dever do Estado. Por conseguinte, vieram as políticas de ação afirmativa que democratizaram o acesso à Universidade. Na prática, nessa fase, a UnB fez jus aos anseios de seus fundadores, alimentando e disseminando a cultura como agente transformador da sociedade e se dedicando a pensar e a debater os problemas do país.

É relevante considerar que a trajetória da UnB se insere na história brasileira contemporânea, marcada, nesses 60 anos, por dois momentos trágicos: a ditadura militar e a eleição de Bolsonaro. Em ambos, há violento ataque à política de Estado de direitos, que pode ser visto como álibi para uma política de demolição das conquistas sociais, com suas lógicas conservadoras, manipulando a realidade, de acordo com os interesses da elite político-financeira.

O governo atual, desprezando o papel que a UnB desempenha no desenvolvimento do país, vem minando o seu orçamento, na tentativa de submetê-la a um processo de destruição, com prejuízos incalculáveis à pesquisa e ao ensino. Alegaram que ali se produz “balbúrdia”, e, inaceitavelmente, como na época da ditadura, quando a instituição sofreu perseguição e invasões da polícia, infiltram um agente espião no cargo de vigilante (Barrocal, 2020). Ressalte-se que as perseguições ocorridas no *campus*, durante os anos da intervenção militar, não seriam possíveis sem a presença de informantes e colaboradores do regime. A presença de um agente espião nos dias atuais revela a prática dos mesmos métodos para censurar o livre-pensamento de que a UnB é por excelência portadora. Esses são exemplos das atrocidades e de mentiras (as conhecidas *fake news*) cometidas contra a Universidade, no intuito de desqualificá-la diante da opinião pública.

Entre as questões que emanam desta reflexão encontra-se o antiquíssimo conflito entre liberdade e autoritarismo. O impacto que essa disputa provocou na realidade brasileira certamente nos induz a pensar na pertinência de análise e de investigação que levem em conta o Estado social e democrático de direito e os distintos sujeitos históricos que lutaram pela autonomia da Universidade. Decerto, as várias fases da UnB, seis décadas depois, comportam uma pluralidade de posições a dissipar a bruma das incertezas, a fim de recuperar, nos espaços da memória, um real significado à intervenção política hoje necessária, e que tanto caracterizou as gerações passadas, em defesa da Universidade e do “espírito de ousadia e ambição generosa que nos animou naqueles dias de experiência gratificante e fecunda” (Ribeiro, 2009, p. 114).

Sob o signo da pluralidade e da diversidade: os desafios da universidade solidária

O processo de democratização do acesso à universidade, no entanto, não foi e ainda não é tarefa simples e fácil. A resistência aos ataques por parte de uma elite empresarial do ensino, que vê a educação como mercadoria, decorreu inicialmente da capacidade de pessoas como Darcy Ribeiro, Paulo Freire, Anísio Teixeira e tantos outros, de colocar em evidência a universidade como bem público – e não como mercado.

Essa perspectiva de democratização do ensino está pautada na trajetória da UnB, em sua experiência de universidade transformadora e emancipadora. Tantas vezes perseguida pelos setores reacionários da sociedade brasileira, por sua proposta de ser uma “universidade de utopia”, a UnB, no entanto, resiste, provoca e ilumina debates, instituindo-se como espaço da inquietação. Grandes causas foram por ela abraçadas, como a que permitiu jovens de classes menos favorecidas, negros e negras, quilombolas, indígenas, camponesas e camponeses e pessoas com deficiência exercessem o direito de frequentar a Universidade: educação como direito humano para todos. Hoje, metade dos ingressantes é oriunda de escolas públicas, revertendo-se um cenário antigo de privilégios. Além disso, a UnB ampliou a oferta com a criação de novos cursos, inclusive noturnos, e se instalando nas cidades do Gama, Ceilândia e Planaltina.

A política de cotas teve impacto conjuntural e, por sua dinâmica transformadora, mostrou-se plena de significados e imprescindível para um fazer histórico inspirado em valores humanistas, como mecanismos de correção das desigualdades

de oportunidades sociais e tornou-se semente de tantas outras reivindicações de inclusão. Há clareza, entretanto, de que apenas políticas de cotas não dão conta de superar a complexidade desse modelo de sociedade, em que está inserida a perversa realidade das desigualdades e da nenhuma importância dada à diversidade.

Nesse sentido, o caráter cultural e histórico da proposição da universidade necessária e emancipatória dá à dimensão do projeto da UnB uma enorme força inovadora da universidade brasileira. Necessária porque, primeiro, em Brasília, “se tornaria inevitável nela instituir um núcleo cultural a que não poderia faltar uma universidade; depois, na etapa de desenvolvimento em que se lançava, atender à urgência de dotar o Brasil de uma universidade que pudesse pensá-lo como problema” (Sousa Junior, 2012, p. 9). Emancipatória porque, além de estar democratizada e comprometida com um projeto de nação, a universidade deve se instituir como um espaço de consciência crítica, pois, “hoje mais do que no passado a Educação não é apenas um direito social e um bem público, mas um direito humano: o direito de todos de enfrentar uma nova forma de desigualdade – desigualdade diante do conhecimento” (Trindade, 2012, p. 135).

Esse pensamento teve grande impacto sobre como se organizou a educação vinculada aos direitos humanos. Elemento importante dessa questão diz respeito a uma resignificação dos direitos humanos na contemporaneidade, como defende Boaventura de Sousa Santos. Para ele, a hegemonia dos direitos humanos como linguagem da dignidade humana é hoje incontestável. O campo dos direitos humanos, associado às experiências emancipatórias como base para a liberdade e a igualdade, liga-se a uma variedade de fenômenos, entre os quais a preocupação com a capacidade de os Estados protegerem e promoverem os direitos e de ampliarem diálogos para uma renovada visão sobre o seu significado, com a perspectiva de atuação mais eficaz de defensores desses direitos. Ao alcançar novas interlocuções, os direitos humanos também são construídos nas fronteiras com outros saberes, a partir de trocas transversais.

Nessa perspectiva, Boaventura Santos levanta a possibilidade de se construir uma globalização contra-hegemônica da universidade como bem público. Santos está com a razão, ao afirmar que a universidade tem papel crucial na construção do lugar do país num mundo polarizado entre globalizações contraditórias. Segundo ele, a globalização neoliberal assenta-se na destruição sistemática dos projetos nacionais, por isso “a universidade pública seja um alvo a abater, enquanto não estiver plenamente sintonizada com os seus objetivos” (Santos, 2017, p. 58). Portanto, o propósito reside em dar uma resposta ativa a essas tentativas de cooptação por

parte do mercado capitalista, amparado em uma globalização contra-hegemônica da universidade como bem público e sustentada por forças sociais disponíveis e interessadas em protagonizá-la.

Também Paulo Freire, que esteve na linha de frente entre os apoiadores da criação da UnB, crente no poder libertador pela consciência e pelo conhecimento, nos ensina que não haveria sentido em estar no mundo sem fazer história e sem por ela ser feito. De fato, a práxis de Paulo Freire abre uma visão capaz de levar ao oprimido as condições reais, para que ele, reflexivamente, possa se descobrir como sujeito de sua própria destinação histórica, tendo a escola como instrumento definidor e uma educação libertadora.

Doutor *honoris causa* (*post mortem*) pela UnB em 6 de outubro de 2011 – durante a Semana Universitária, cujo tema foi “Noventa anos de Paulo Freire: um marco para a reflexão sobre os rumos da universidade brasileira” –, Paulo Freire é daquelas pessoas a quem o Brasil deveria agradecer e enaltecer todos os dias. Infelizmente, nestes tempos sombrios que estamos vivendo, de incertezas e de precariedade de pensamento crítico, nem sequer chega a causar espanto a tentativa de silenciar suas ideias, por elas expressarem o sentimento de um mundo justo, respeitando e valorizando a diversidade e os direitos humanos contidos em sua prática transformadora.

Por isso, Paulo Freire torna-se essencial, porque nos mostra uma disposição ética, transgressora, rebelde e igualmente necessária, pois está nela a ideia de que a consciência da realidade depende dos saberes demandados e das possibilidades para a construção da reflexão crítica sobre a prática de ensinar. Logo, as estratégias da ideologia fascista que assola o Brasil não serão capazes de apagar ideias como as que esse educador semeou, principalmente no que diz respeito à ação transformadora do mundo pelo processo de ensinar e de aprender em suas inter-subjetividades, pois, se as condições que regulam o laço social se transformam, a subjetividade se transforma (Freire, 2011).

Há, nessa práxis de Paulo Freire, as chaves para a compreensão histórica de nossa presença no mundo como seres transformadores; afinal, vivemos não para nos adaptar ao mundo, mas para transformá-lo. Descobrir um caminho para a realidade concreta de uma prática de educar humanizadora, em meio às condições capitalistas adversas, foi um desafio para Paulo Freire, o que requereu dele coragem e determinação para a possibilidade de embelezar o mundo com os saberes que só a educação libertadora e transformadora pode propiciar.

Ainda um longo caminho...

Os argumentos até aqui apresentados servem de fio condutor histórico e possibilitam consubstanciar uma memória do passado para tornar possível a concretização, no presente, do compromisso ético com a escola e com a liberdade do pensamento que a UnB adotou, conjugando educação e democracia com direitos humanos; sem desconhecer, entretanto, que as cruéis e sistemáticas violações dos direitos humanos na história recente do Brasil encontram uma frente de luta de combate ideológico ao discurso de ódio que emana do governo mais obscurantista, regressivo e antinacional que o país já teve e que, em aliança com o aparato militar, a economia liberal e com uma militância fanática da nova direita emergente das redes sociais, vem buscando a todo custo o fim da educação como direito e como dever do Estado. Ademais, o fascínio pelo fascismo ganha corpo e busca avançar sobre as forças democráticas, fazendo com que palavras como educação, democracia, cidadania, liberdade, emancipação, direitos humanos percam valor e significação.

Sobre esse ponto, vale destacar que, no processo de construção democrático brasileiro, sempre estiveram presentes dois projetos políticos distintos. De um lado, o projeto capitaneado por movimentos populares com vistas a um aprofundamento da democracia e a uma maior participação da sociedade civil nos processos decisórios das instâncias públicas, que teve seu marco na Constituição Cidadã (1988) e se estendeu posteriormente com a adoção de políticas públicas na exigência da inclusão social; por outro lado, a estrutura institucional do Estado brasileiro, atrelada aos interesses de uma elite poderosa, privilegiada e egocentrada, o que permitiu o avanço do neoliberalismo que se verifica no governo atual, com o esgotamento de nossa jovem democracia.

Uma resposta esperançosa aos dilemas descritos permeia a reflexão de que mudar qualquer cenário de opressão passa pela criatividade da política, expressa na ação cotidiana entre os cidadãos no espaço público, na exigência do pensar e do agir, no potencial do novo que pode ser notado nos movimentos que despontam nas populações periféricas, oferecendo-se ao desafio da ruptura com tudo que lhes oprime, na legítima desobediência civil, na resistência à tirania e que gera poder na ação conjunta aos que a praticam, em defesa de seus direitos subtraídos. Nesse processo, compreender as características dos mecanismos de dominação capitalista é essencial para que a luta social por direitos não se perca em formulações abstratas, mas que se defina por intensificar práticas democráticas que fortaleçam a democracia participativa.

É importante destacar ainda que defender direitos no espaço democrático é propiciar a educação dos cidadãos para a liberdade, num mundo em que a linguagem deve ser de solidariedade, para que todos possam desenvolver suas potencialidades. Todos, todas e todes devem ser livres e só o serão sob condições que os propiciem a adquirir consciência do próprio valor. Para que isso ocorra, é necessário que instituições democráticas, como a Universidade de Brasília, estejam estruturadas como espaço onde a transmissão de conhecimento e de experiências se concretize, para que os indivíduos não se submetam mais ao arbítrio dos que detêm o poder.

Referências

BARROCAL, André. Agente secreto do governo trabalha disfarçado de vigilante na UnB. *Carta Capital*, São Paulo, 13 fev. 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/agente-secreto-do-governo-trabalha-disfarcado-de-vigilante-na-unb/>. Acesso em: 5 out. 2022.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

RIBEIRO, Darcy. *A universidade necessária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

RIBEIRO, Darcy. *Universidade para quê?* Brasília: Editora UnB, 1986.

RIBEIRO, Darcy. *Testemunho*. Brasília: Editora UnB; Rio de Janeiro: Apicuri, 2009.

RIBEIRO, Darcy. *Vida, minha vida*. Brasília: Editora UnB, 2010. (Darcy no Bolso).

ROCHA, João Augusto de Lima. *Anísio Teixeira e a cultura*. Brasília: Editora UnB; Salvador: Edufba, 2014.

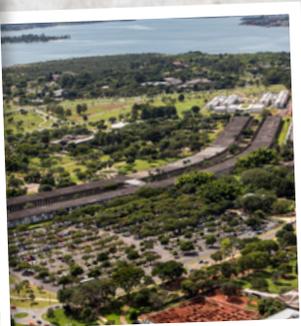
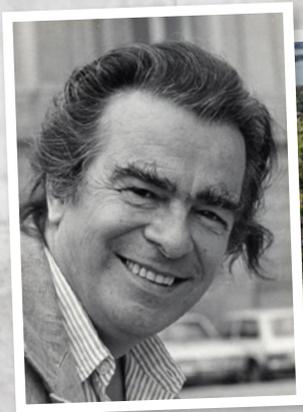
SALMERON, Roberto A. *A universidade interrompida: Brasília 1964-1965*. 2. ed. revista. Brasília: Editora UnB, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade*. São Paulo: Cortez, 2017.

SOUSA JUNIOR, José Geraldo de. Da universidade necessária à universidade emancipatória: balanço da gestão de um sonho. *In*: SOUSA JUNIOR, José Geraldo de. (org.). *Da universidade necessária à universidade emancipatória*. Brasília: Editora UnB, 2012.

TRINDADE, Helgio. Por um novo projeto universitário: da “universidade em ruínas” à “universidade emancipatória”. *In*: SOUSA JUNIOR, José Geraldo (org.). *Da universidade necessária à universidade emancipatória*. Brasília: Editora UnB, 2012.

Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.



Darcy Ribeiro e a UnB

a universidade necessária no século XXI



Este livro é uma homenagem à Universidade de Brasília, que em 2022 completa 60 anos, e a Darcy Ribeiro, um de seus mais importantes idealizadores e fundadores, que faria cem anos. Quinze ensaios escritos por estudantes da UnB sobre Darcy Ribeiro e a universidade necessária compõem este volume, que é resultado de edital conjunto da UnB e do Conselho Editorial do Senado (Cedit).

Os textos desta coletânea projetam as vozes de estudantes, em um exercício que investiga os efeitos do pensamento e da ação de Darcy Ribeiro na jornada da Universidade de Brasília, as transformações pelas quais ela passou e aquelas que promoveu. Que vozes poderiam ser mais lúcidas que essas para colocar em perspectiva a história da Universidade? São vozes plurais que reiteram, de forma uníssona, o compromisso da UnB com a construção de soluções para os desafios do país e do mundo – fossem os passados, sejam os presentes. A despeito das diversas tentativas de cerceamento da ação emancipadora desta Universidade, afirmam os estudantes: a UnB alcança os seus 60 anos atuante como sempre, necessária como nunca.



UnB | DEX

